

## LGBTFOBIA E RACISMO: ATÉ QUANDO IREMOS SUPORTAR?

### **André Luiz dos Santos Barbosa**

*Doutorando do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, andrelsbarbosa@gmail.com;*

### **Angela Maria Venturini**

*Doutoranda do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, angelamaria.venturini@gmail.com;*

### **Allana Glauco da Silva**

*Mestranda do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, glaucoallana@gmail.com;*

### **José Guilherme de Oliveira Freitas**

*Doutor pelo curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, jguilherm18@gmail.com.*

### **Resumo**

LGBTfobia, racismo, exclusão, corpo, agressividade. Essas palavras vão permear este trabalho, ainda em desenvolvimento, que procura refletir sobre preconceitos estruturais, a partir da consideração de que a Homofobia pode ser um componente da cisnormatividade, que também traz em sua estrutura a regulação da ocupação do espaço público, restringindo sua ocupação à população cisgênera, e excluindo de modo violento ou sutil a presença e/ou manifestação de pessoas que subvertem essa norma. O racismo estrutural também será abordado, pois em alguns casos, culmina em agressividade física e moral. Para tanto, destacamos manchetes que nos possibilitam trazer à tona estes altos índices de violência e debater sobre esses temas. O Brasil é o país que mais mata a população LGBT+? Os índices foram menores em comparação aos anos 2017 e 2018 devido à criminalização da homofobia? Como conviver com essa

realidade, com essa dor, uma morte a cada vinte e seis horas? E não estamos falando de pandemia. Em seguida, apresentamos o resultado de uma pesquisa qualitativa, realizada em nosso Núcleo de Estudos sobre Sexualidades, Identidades, Diferenças e Inclusão (NESEI) que faz parte do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE), em formato de Grupo Focal, que desde o final do ano 2019 vem discutindo sobre a LGBT+fobia Estrutural, baseada nos conceitos do Racismo Estrutural. E, por último, analisamos o resultado dessa pesquisa a partir dos estudos de Inclusão e sob a ótica da perspectiva Omnilética.

**Palavras-chave:** LGBTfobia, Racismo Estrutural, Inclusão.

**L**GBTfobia, racismo, machismo, preconceito, exclusão, corpo, agressividade. Essas palavras vão permear este artigo que procura refletir sobre a homofobia, a partir da consideração da possibilidade de essa ser um componente da cisheteronormatividade, que traz em sua estrutura a regulação da ocupação do espaço público, restringindo-a à população cisgênera, e excluindo de modo violento ou sutil a presença e/ou manifestação de pessoas que subvertem essa norma, seja por expressarem orientação sexual diversa da heterossexualidade, seja por não se enquadrarem no binarismo de gênero.

Outras faces do preconceito também aparecerem, como o racismo e o machismo que culminam em formas de agressividade física e moral. Sendo assim, primeiramente, destacaremos manchetes que nos possibilitam trazer à tona esses altos índices de violência e debater sobre esses temas. Em seguida, apresentaremos o resultado de uma pesquisa, realizada em nosso Núcleo de Estudos sobre Sexualidades, Identidades, Diferenças e Inclusão (NESEI) que faz parte do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE), em formato de roda de conversa, que, desde o final do ano passado, vem discutindo sobre a LGBTQI+fobia estrutural, baseada nos conceitos de Racismo Estrutural.

Mas, afinal, o que é Racismo Estrutural e Homofobia ou LGBTfobia estrutural? Segundo Almeida (2018),

O racismo não é um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados é estruturalmente reproduzida. (ALMEIDA, 2018)

O racismo, como podemos perceber na atualidade, em que as denúncias desse crime vem à tona com mais frequência, faz parte da própria estrutura social, ou seja, do modo naturalizado com que se estabelecem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares.

Analogamente, a homofobia estrutural aparece nas conversas, opiniões, e atitudes do dia a dia. Muitas vezes, a pessoa não tem consciência de que está sendo homofóbica — embora isso não diminua em nada o fato de estar causando sofrimento naqueles que não têm a orientação sexual hegemônica. Desse fato, poderíamos sugerir a seguinte questão:

Por que o Brasil é um dos países mais violentos do mundo?

Infelizmente, a partir de estudos que controlam e denunciam a violência contra a população LGBTQIA+ fica evidente que o Brasil encontra-se entre os países mais violentos contra a população em análise.

Como exemplos, evidenciamos três tristes manchetes durante o ano de 2019.

### **Brasil registra 329 mortes de pessoas LGBTQIA+ em 2019, uma a cada 26 horas.**

A partir do relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia, fomos informados que 329 LGBTQIA+ tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia, em 2019. Foram apurados 297 homicídios e 32 suicídios. Essa inadmissível notícia equivale a uma morte a cada 26 horas. Embora o Grupo Gay da Bahia, nesta pesquisa de 2019, aponte uma redução de 26% (vinte e seis por cento) dessas mortes, se comparado com os anos anteriores (em 2017 foram 445 mortes e em 2018, 420 mortes), mesmo assim continua em escala inconcebível por estarmos falando de vidas de seres humanos que deveriam ter o seu direito de viver assegurado.

Essa redução teria algum vínculo com a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) de criminalizar a homofobia, ao equipará-la ao crime de racismo? Para Domingos Marcelo Oliveira, “há ainda a hipótese de que a criminalização da homofobia, equiparada ao racismo, teria inibido potenciais assassinos.”

O que se espera é que, independente dos motivos, a violência contra a população LGBTQIA+ seja reduzida, pois o direito à vida deve ser preservado.

Outra manchete destacada foi a de um homem de 33 anos que foi agredido e baleado após trocar carinhos e beijar a boca de outro homem, num bar da cidade de Camaçari, na região metropolitana de Salvador, em 20/06/2019.

### **Homem leva 4 tiros após beijo em outro rapaz dentro de bar; suspeito perguntou se ele não tinha vergonha, diz delegada.**

Segundo relatos, um grupo de homens que estava no bar é suspeito do ataque, fugiram do local do crime, e não foram localizados. A vítima, que foi identificada e socorrida, foi baleada quatro vezes. A delegada responsável pelo caso disse que um dos tiros atingiu um dos braços da vítima e outros três, o abdômen. O rapaz foi levado para o Hospital Geral de Camaçari (HGC), socorrido a tempo e foi salvo, felizmente. Segundo ela, a vítima estava com um 'ficante' no bar, trocando carícias normais de casais, e chegou a ter um beijo, um "selinho". A partir daí, um grupo aproximou-se e começou a agredi-lo. A delegada enfatiza que "É um absurdo a gente estar convivendo num país com crimes desse tipo".

### **UNAIDS e MPact manifestam preocupação com relatos de abuso contra pessoas LGBTI durante o surto de COVID-19.**

Essa foi mais uma manchete selecionada, tendo em vista a realidade mundial de enfrentamento a uma pandemia. Segundo a matéria cujo título é a manchete destacada, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS) e a iniciativa global para a saúde e os direitos de homens gays MPact estão dedicando uma especial atenção à saúde e aos direitos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (LGBTQIA+) porque essa população está sendo apontada e culpabilizada, abusada, encarcerada e estigmatizada como vetor de doenças durante a pandemia de COVID-19.

Estas instituições, o UNAIDS e a MPact (2019) também estão profundamente preocupadas com o fato de que essa ação discriminatória está agravando os desafios que as pessoas LGBTQIA+ já enfrentam no acesso a seus direitos, incluindo serviços de saúde seguros e de qualidade.

George Ayala (2019), diretor executivo da MPact, denuncia:

"Estamos recebendo relatos de que líderes governamentais e religiosos em alguns países estão fazendo alegações falsas e divulgando informações erradas sobre a COVID-19, o que incentivou a violência e a discriminação contra pessoas LGBTI",

"Organizações e casas estão sendo invadidas, pessoas LGBTI estão sendo espancadas, e houve um aumento nas prisões e ameaça de deportação a pessoas LGBTI requerentes de asilo".

“Também existe uma preocupação crescente com a privacidade e a confidencialidade por conta da maneira como os governos estão usando tecnologias e smartphones para monitorar os movimentos das pessoas durante bloqueios ou toques de recolher”

“Homens gays e pessoas com incongruência de gênero são frequentemente os primeiros alvos e os mais impactados pelo aumento dos esforços de policiamento e vigilância.” (?????????????????)

Diante dessa denúncia nos resta refletir sobre até que ponto o isolamento social, defendido pela ciência, e que deve ser cumprido, pode agravar as condições pré-existentes de saúde mental, comuns entre as pessoas LGBTQIA+, incluindo solidão, depressão, ansiedade e ideação suicida. O que poderia ser feito a respeito?

Para o UNAIDS e a M pact (2019), os países devem, dentre outras ações:

Denunciar desinformação usada como bode expiatório, calúnia ou que culpe pessoas LGBTI pela disseminação da COVID-19. Parar com os ataques a organizações, abrigos e espaços liderados por grupos LGBTI e desistam de prender pessoas com base em sua orientação sexual, identidade ou expressão de gênero. Garantir que todas as medidas para proteger a saúde pública sejam proporcionais, informadas por evidências e respeitem os direitos humanos. Impedir o uso de vigilância estatal nas tecnologias de comunicação pessoal das pessoas LGBTI. Investir na resposta da COVID-19, porém resguardando fundos e programas de saúde sexual e de HIV inclusivos e sensíveis às necessidades das pessoas LGBTI. Proteger o acesso contínuo ao suporte médico que salva vidas, incluindo redução de danos, preservativos e lubrificantes, profilaxia pré-exposição, terapia antirretroviral, terapias de reposição hormonal e serviços de saúde mental para pessoas LGBTI. (UNAIDS, 2019)

Passaremos agora para o resultado da pesquisa, realizada no NESEI/LaPEADE em formato de roda de conversa, que desde o final de 2019 vem discutindo sobre a LGBTQI+fobia estrutural, baseada no conceito de Racismo Estrutural.

Em virtude da pandemia, a reunião em que foram coletados os dados aqui apresentados ocorreu virtualmente através da plataforma Zoom, tendo em vista a necessidade do isolamento social nos tempos presentes e teve como norteadoras três questões:

- Você se dá conta de que vive num mundo que está imerso em preconceitos estruturais?
- Você considera que vive ou já viveu alguma situação de racismo estrutural, lgbtphobia estrutural, ou algum tipo de exclusão oriunda de algum preconceito do tipo estrutural?
- Quais são suas ações no dia a dia a fim de os combater?

Quando perguntamos “Você se dá conta de que vive num mundo que está imerso em preconceitos estruturais?” obtivemos as seguintes respostas dos três participantes que tiveram suas respostas selecionadas.

1. Quando eu era criança, tinha enorme dificuldade em nominar coisas por conta da pouca idade. Mas não era imune às dores. Não imaginava que aquelas ofensas doloridas vinda de membros da minha família, dentro da minha casa e na escola, já tinha nome e vastos estudos específicos que as definiam, que as explicavam. Era o preconceito estrutural. Ser uma criança com afetos exclusivos não heterossexuais me diferenciava de minhas irmãs e de minhas colegas da escola e da igreja que eu e minha família frequentava. Isso era o suficiente para noites de choros escondidos e disfarçados de dores de cabeça. O mundo ao meu redor não estava moldado para a minha existência.
2. Nascemos em meio a uma sociedade completamente excludente, racista, misógina, homofóbica, etc. Quando criança eu não me dava conta disso. Lembro até que tinha um vizinho que era homossexual e que toda vez que ele passava na frente de casa, “rebolando” como diziam, a galerinha de adolescentes que se reunia para brincar, papear sempre cantavam um trecho da música “Calúnias” de Ney Matogrosso “Telma eu não sou gay” e eu e as demais crianças acabávamos repetindo aquilo sem nos dar conta do que estávamos falando e fazendo. Foi na escola que

fui ter essa “noção” de preconceito. Mas foi só na universidade que conheci as terminologias como “misoginia, homofobia, preconceitos estruturais”. E sem dúvida nenhuma são práticas profundamente ainda enraizadas em nossa sociedade, em nossa cultura.

3. Penso ser impossível não ser dar conta de vivermos num mundo onde o preconceito estrutural, vem “embutido” num código de conduta social com flexibilidade relativamente pequena. O meio social ou as circunstâncias podem flexibilizar a punição ao infringir este “código”. Para uma parcela grande da sociedade, esta estrutura de conduta e valores morais, é fundamental para a vida em sociedade, portanto ao se infringir limites, sofre-se preconceitos. Ou seja, há um sofrimento, uma dor. Ainda que por muitas vezes estes preconceitos não sejam fundamentados, a grande maioria prefere contorná-los.

Ao serem questionados(as) se já haviam vivido alguma situação de racismo estrutural, lgbtfobia estrutural, ou algum tipo de exclusão oriunda de algum preconceito do tipo estrutural, responderam o seguinte:

1- Sim, ainda vivo até os dias de hoje, com a diferença que aprendi a me defender e a me valorizar. Os últimos 10 anos, a minha família (irmãs e irmãos) não me convida para a ceia de natal e para nenhuma data comemorativa. A família é uma estrutura que, em muitas questões que envolvem a temática da sexualidade, chega ao cúmulo da crueldade.

2- Já passei por situações de exclusão e preconceitos sim. Sou nortista, cabocla da Amazônia, filha da escola pública e de origem pobre. Particularmente falando, senti na pele certo preconceito estrutural quando vim para o Rio de Janeiro estudar, primeiramente por ser do norte do Brasil. As pessoas sempre se admiravam quando eu dizia minha cidade de origem. Uma vez certa pessoa até pediu para tirar uma foto comigo, pois nunca havia conhecido alguém do meu Estado, e que lá não tem só índios. Além disso, fui questionada algumas vezes por ter a pele clara, cabelos cacheados e por não ter características indígenas. Enfim, inúmeras são as situações vividas que envolvem questões



de preconceito estruturais. Se não tivermos a postura de combate, de desconstruirmos essas práticas, o mundo nos engole mesmo.

3- Ao se ter a nítida percepção do preconceito o sujeito fica ao mesmo tempo exposto a um dissabor, a uma repulsa, contudo, fica mais fácil de lidar com este fator excludente ou desconfortável. Alguns exemplos clássicos podem ser relatados como um grupo de homens heterossexuais falando dos atributos físicos e sensuais de uma ou várias mulheres. Do desejo que despertam nestes homens. Este exemplo é muito clássico tanto para homens e mulheres heterossexuais em um grupo onde gays são minorias. Mas, os preconceitos estão presentes nas questões de faixa etária, social, cultural, econômica, religiosa, racial e tantas outras. Entretanto não podemos deixar de frisar que várias destas características podem se mesclar numa mesma pessoa. Ser negro, gay, idoso, etc. O preconceito pode ser gradual, e se manifestar num olhar de reprovação ou mesmo num homicídio.

E por fim, os respondentes deram seu depoimento dizendo quais são suas ações no dia a dia a fim de combater as diversas formas de preconceitos estruturais.

1- Sou professora do ensino fundamental em Escola Pública. Estou no último ano de carreira no magistério e não lembro de nenhum ano que eu não tenha, de alguma forma, trabalhado a temática das sexualidades nas escolas por onde passei. Na escola em que atuo hoje não tem sido diferente. Já dei cursos de formação para as/os profissionais da educação na semana pedagógica, promovi debates com alunas e alunos nessa temática, e geralmente sou convidada para dar palestras nas faculdade locais, debates em programas de rádio, rodas de conversa e sou militante há mais de 20 anos no movimento LGBTI+ . Torço para que existam projetos de Lei de combate a LGBTfobia, bem como projetos na área da saúde e da educação desse grupo.

2- Minha prática de combate ao machismo, à misoginia, lgbtfobia e todas as outras manifestações de preconceitos estruturais que costumo ter é através do diálogo. Costumo sempre manifestar minha visão, meu conhecimento a respeito e orientações para a

desconstrução dessas práticas. Ultimamente tenho feito muito isso dentro da minha própria família, uma vez que estamos mais próximos e com convívio diário bem intenso em decorrência da pandemia. Minha luta pela desconstrução disso tem sido diária, e nas mais sutis manifestações. Muitas pessoas não conseguem reconhecer isso, dizem que é “mimimi” de feminista ou coisa parecida. Mas eu persisto e já consegui perceber mudanças com a vida meio que volta membro da família nessa nova fase das nossas vidas, sendo estabelecida, uma vez que precisam ser divididas, e até mesmo minha sobrinha de 08 anos já reconhecendo atitudes preconceituosas e machistas no nosso dia a dia. Mas essas mudanças só são possíveis com muito diálogo, exemplos claros e abertura do outro para o reconhecimento de atitudes preconceituosas e consequentemente a mudança dessas práticas.

3- A tentativa permanente de dirimir tensões causadas por preconceitos, penso estar diretamente ligada a informação contida em diferentes formas de comunicação: na literatura, nas artes plásticas, na dramaturgia, nas ciências sociais, na amalgama disto tudo e na construção permanente de novos paradigmas baseados na vivência de cada um, superando ou administrando situações de maior ou menor incômodo.

Para pensarmos a violência vivenciada pela população LGBTQIA+, temos utilizado uma perspectiva analítica que vem sendo desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE), sob a coordenação da professora doutora Mônica Pereira dos Santos, na Faculdade de Educação da UFRJ.

Essa perspectiva recebeu o nome de Omnilética e, segundo Santos (2013), considera as culturas, políticas e práticas em suas relações complexas e dialéticas, ajudando-nos a pensar e a tensionar as dinâmicas inclusões-exclusões de todo e qualquer indivíduo que possa estar ou vir a estar em vulnerabilidade.

Como podemos perceber tanto nas matérias destacadas, quanto nos relatos do grupo focal, a violência se manifesta em instituições sociais (família, escola, trabalho...), o que nos faz atentar para o caráter estrutural e de exclusão dessa violência.

Para a Omnilética, as exclusões podem (e devem) ser tensionadas num processo infindo, dialético e complexo, que envolve luta social em direção a uma sociedade mais igualitária: as inclusões.

Nesse sentido, também podemos encontrar nas falas dos participantes do grupo focal e nos noticiários destacados táticas de tensionamento de uma estrutura que se revela LGBTfóbica. Essas táticas se expressam através da divulgação dos crimes sofridos pela população LGBTQIA+, das propostas de diálogos, de aproximações com as artes e do fortalecimento de ações dos movimentos sociais e das organizações governamentais ou não.

O delineamento assumido neste texto foi no sentido de expor que o sofrimento em relação àqueles(as) com orientação sexual diversa da heterossexualidade merece atenção nos diversos segmentos de nossa sociedade.

As reflexões aqui apresentadas têm por intenção desvelar e dar ênfase aos fatos causadores de humilhação e subjugação por que passam tantos integrantes da população LGBTQIA+, na tentativa de evidenciar a necessidade da inclusão desta discussão seja na formação docente, ou nos núcleos familiares, enfim, nos diversos lugares onde possam ter eco, na tentativa de minimizar as causas de tantos sofrimentos.

Reconhecer as expressões de gênero e sexualidade invisibilizadas no tocante às boas projeções, visto que na maioria das vezes são desprezadas, é urgente e necessário, para tentar desconstruir a fúria existente em direção à população LGBTQIA+ vítima da violência e do ódio.

## Referências

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

SANTOS, M. P. dos. **Dialogando sobre Inclusão em Educação:** contando casos (e descasos). Curitiba: CRV, 2013.

Sem autor. **Brasil registra 329 mortes de pessoas LGBTQIA+ em 2019, uma a cada 26 horas.** UOL. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/23/brasil-registra-329-mortes-de-lgbt-em-2019> Acesso em 13/03/2020.

Sem autor. **Homem leva 4 tiros após beijo em outro rapaz dentro de bar; suspeito perguntou se ele não tinha vergonha, diz delegada.** G1. Disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/10/22/homem-e-agredido-e-baleado-apos-beijar-outro-em-bar-na-bahia.ghtml>. Acesso em 13/03/2020.

Sem autor. **UNAIDS e MPact manifestam preocupação com relatos de abuso contra pessoas LGBTI durante o surto de COVID-19.** UNAIDS. Disponível em <https://unaid.org.br/2020/04/unaid-e-mpact-manifestam-preocupacao-com-relatos-de-abuso-contra-pessoas-lgbti-durante-o-surto-de-covid-19/> Acesso em 13/03/2020.